

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
DEPARTAMENTO FUNDAMENTO DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO -
CETREDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE

A FORMAÇÃO PESSOAL EM PSICOMOTRICIDADE

MARIA VERÔNICA SILVA DE QUEIROZ

FORTALEZA - CE
OUTUBRO - 2006

MARIA VERÔNICA SILVA DE QUEIROZ

A FORMAÇÃO PESSOAL EM PSICOMOTRICIDADE

**Monografia apresentada a
Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista
em Psicomotricidade.**

FORTALEZA - CE
OUTUBRO - 2006

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Psicomotricidade, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialização em Psicomotricidade, outorgada pela Universidade Federal do Ceará.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Maria Verônica Silva de Queiroz

Monografia aprovada em / /

Prof^a. Gláucia Maria de Menezes Ferreira LD

Orientadora

DEDICATÓRIA

Ao paciente

Diante de sua fragilidade e sofrimento, muitas vezes nos sentimos fortes, sábios e até mesmo onipotentes. No entanto, força, sabedoria e poder só podem ser adquiridos com o exercício de uma humildade muito maior que aquela com a qual você chegou às nossas mãos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Deus por conceder-me a vida, e por ter me dado a oportunidade de escrever sobre a formação pessoal em psicomotricidade.

Agradeço a meu esposo Ricardo Luis Bindá de Queiroz, que me acompanhou a cada passo do caminho neste projeto. Ele me apoiou na parte mais difícil dos sacrifícios desses últimos meses e proporcionou um ambiente doméstico que garantiu a realização desse estudo.

=

... A coragem te fará vencer
Conquistando o reino em redor
É só assim que exergarás
Que nada enfim lhe faltará
Ouça a voz que diz
Contigo Eu estarei...

RESUMO

Esta monografia foi elaborada a partir da necessidade de se fazer conhecer a importância da formação pessoal do profissional psicomotricista, pois é comum a este profissional iniciar o exercício profissional sem essa formação. Após uma sucinta citação sobre o surgimento da psicomotricidade e suas vertentes, tentamos definir o perfil do psicomotricista. Com isso, é tecido um comentário sobre a necessidade de um amplo conhecimento teórico para que as ações do psicomotricista tenham uma maior legitimidade. A essência do nosso tema: A formação do profissional psicomotricista, demonstra a necessidade de sê-la realizada antes que o psicomotricista exerça suas atividades profissionais. É de extrema necessidade e importância para que se tenha o conhecimento do seu próprio corpo, suas atitudes, limitações, conhecimento de seus “fantasmas”, saber controlá-los para que seus efeitos ou gestos, não sejam transmitidos ao sujeito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – Evolução da Psicomotricidade como Disciplina Científica	11
1.1. O Conceito de Psicomotricidade	11
1.2. O Trabalho Psicomotor e Suas Várias Vertentes	15
CAPÍTULO 2 - A Formação Profissional em Psicomotricidade	23
2.1. Perfil do Psicomotricista	23
2.2. Formação Teórico-Acadêmica e Pessoal	25
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

A Psicomotricidade por seu caráter inter e transdisciplinar vem apresentando significativas conquistas, com a abertura de novos espaços na vida cotidiana, em resposta às exigências sociais de melhoria da qualidade de vida. Os cuidados com o corpo, com a sua dinâmica e performance, vêm se tornando uma preocupação bastante comum a todos os setores da sociedade. Os avanços da psicomotricidade têm sido assimilados pelos mais amplos e diversificados campos da atividade humana.

A proposta deste trabalho, visa demonstrar a importância da formação pessoal do psicomotricista, uma vez que hoje, essa aludida formação não é reconhecida pelos próprios profissionais do setor. Na realidade, nem sequer conhecem sua necessidade e contribuição para o desempenho de suas funções, onde a experiência adquirida nas vivências vislumbra a sua importância e a necessidade de vivê-las.

O presente trabalho tem como objetivo principal demonstrar como e onde uma formação pessoal pode contribuir para a evolução do profissional psicomotricista, suas ações positivas no decorrer do atendimento ao cliente, como também suas conseqüências em caso de não se ter essa formação.

A formação pessoal tem como objetivo principal beneficiar o psicomotricista com o melhoramento da disponibilidade corporal a partir de vivências corporais, justificando assim a responsabilidade de se atuar com o sujeito.

Os dois capítulos que compõem o presente trabalho correspondem às informações de forma fidedigna dos autores referenciados.

O primeiro capítulo desenvolve-se sobre a evolução da psicomotricidade, seus diversos conceitos e representantes, como também sua participação para o engrandecimento da psicomotricidade. Com isso, veremos como o trabalho psicomotor e suas vertentes estão presentes e integradas, visando a satisfação do sujeito.

O segundo capítulo apresenta as áreas de trabalho do profissional psicomotricista, seu perfil e forma de atuação num mercado tão competitivo. Discute a necessidade de uma formação teórico-acadêmica para que o psicomotricista não fique refém da teoria de outras ciências. Aborda também o tema deste trabalho: A formação pessoal do psicomotricista, que visa uma maior consciência no processo de intervenção do sujeito. O equilíbrio entre a fusionalidade e a racionalidade é fonte de nosso equilíbrio psicoafetivo e de nossa riqueza existencial, portanto a formação pessoal favorece a este equilíbrio.

CAPÍTULO 1 - Evolução da Psicomotricidade como Disciplina Científica

A psicomotricidade tem como objeto de estudo, o indivíduo e sua relação com o corpo, visando desenvolver suas faculdades expressivas.

1.1. O Conceito de Psicomotricidade

A evolução do conceito de psicomotricidade nos mostra as inúmeras transformações que a significação do corpo sofreu com o passar dos tempos, onde suas reformulações, algumas adicionais, culminaram em novas concepções modernas e permitiram compreendê-la.

Harrou apud Oliveira (2002), analisando um estudo do homem primitivo, afirma que o desenvolvimento psicomotor estava ligado ao desafio da sobrevivência, pois para ele, a caça, a pesca e a colheita de alimentos, considerados como suas atividades básicas, eram indispensáveis para a perpetuação do grupo.

Fonseca (1995) diz que desde Platão, Aristóteles, e chegando ao Cristianismo, o corpo foi sendo negligenciado em relação ao espírito. Platão professava que o corpo era somente um lugar de transição da existência no mundo de uma alma imortal, que se reintegrava quando morre o corpo, possuindo assim uma visão muito clássica do corpo. Já Aristóteles afirmava que a alma serviria somente para acomodar o corpo, devendo este “obediência ao espírito da parte efetiva à inteligência e a razão” (Oliveira, 2002, p. 29).

Segundo Oliveira (2002), a ginástica teria como função desenvolver o espírito,. com isso, já anunciava um princípio de pensamento psicomotor, dando uma importância muito grande a ginástica, pois afirmava que servia “para dar

graça, vigor e educar o corpo” e que esta deveria ser propagada até a adolescência, mas com o critério de não prejudicar o desenvolvimento do espírito. E que os exercícios não deveriam ser cansativos.

No século XIX prevalece o condicionamento motor, devido à valorização das profissões intelectuais em detrimento das profissões manuais. Como consequência do pensamento de Descartes, se inicia um estudo do corpo, por neurologista, devido a necessidade de compreender e de nomear as zonas do córtex cerebral situadas mais além nas regiões motoras. Assim descobre-se que diferentes disfunções graves podem ser observadas, sem que a lesão esteja localizada claramente ou que o cérebro esteja lesionado. O que supunha-se como cada sintoma tendo sua correspondente lesão focal, já não podia mais explicar alguns casos patológicos. Portanto, para encontrar uma área de estudo que explicasse certos fenômenos clínicos, surgiu então a palavra psicomotricidade, pela primeira vez no ano de 1870.

Depois das meditações filosóficas do século XIX acerca do corpo, isso já no século XX, é que a psicomotricidade torna-se sujeito e objeto.

Em 1909, Dupré, utilizou pela primeira vez o termo Psicomotricidade, quando introduziu os primeiros estudos sobre a debilidade motora nos débeis mentais, observando que existe uma estreita relação entre as anomalias psicológicas e as anomalias motoras.

“A figura de Dupré é de fundamental importância para o conceito psicomotor, já que é ele quem afirma a independência da debilidade motora (antecedente do sintoma psicomotor) de um possível correlato neurológico. É este neurologista francês quem rompe com os pressupostos da correspondência biunívoca entre a localização neurológica e as perturbações naturais da infância” (Lewin, 2001, p.24).

Wallon, médico psicólogo e pedagogo, reconhecido como o grande pioneiro da psicomotricidade, vista agora como campo científico, afirma que o

psiquismo é construído com o movimento humano. Assim, o homem pode relacionar movimento ao afeto.

Segundo Wallon apud Oliveira (2002), é “sempre a ação motriz que regula o aparecimento e o desenvolvimento das formações mentais”. Portanto a motricidade, a afetividade e a inteligência estão relacionadas com a evolução do indivíduo.

Em 1925, Wallon, investiga o desenvolvimento humano, estudando a relação entre a motricidade e caráter, diferentemente de Dupré, que correlaciona a motricidade com a inteligência. Esta diferença permite a Wallon relacionar o movimento ao afeto, à emoção, ao meio ambiente e aos hábitos do indivíduo.

“Estas primeiras relações de similitudes e diferenças entre a debilidade motora e a desabilidade mental, somadas à contribuição de Wallon relativa à ação recíproca entre movimentos, emoção, indivíduo e meio ambiente, fazem o delineamento de um primeiro momento do campo psicomotor: é o momento do “paralelismo” e, portanto, da relação (tentativa de separação do dualismo cartesiano) entre o corpo, expressado basicamente no movimento, e a mente, expressada no desenvolvimento intelectual e emocional do indivíduo.” (Lewin, 2001, p. 25)

Fonseca (1995) destaca que por décadas, a obra de Wallon influenciou a educação terapêutica de crianças instáveis, impulsivas, emotivas, obsessivas, apáticas e delinqüentes. Assim suas contribuições alastraram-se no campo da formação psiquiátrica, psicológica e pedagógica, sendo o principal alicerce do movimento de reeducação psicomotora.

A psicomotricidade ao longo da história, foi adquirindo uma expressão significativa, em que explica a afinidade entre a atividade psíquica e a atividade motora. O movimento é posto de modo a encontrar uma solução como parte integrante do comportamento. Portanto a psicomotricidade atualmente é aprovada como a complementação superior da motricidade, sendo produto de uma relação

inteligível entre o indivíduo e o meio, é ferramenta indispensável através do qual a consciência se forma e materializa-se.

“Guilmain determina um novo método de trabalho: a reeducação psicomotora, que estabelece por meio de diferentes técnicas (provenientes de neuropsiquiatria infantil) um modelo de exercitações: exercícios para reeducar a atividade tônica (exercícios de mímica, de atitudes e de equilíbrios), a atividade de relação e o controle motor (exercícios rítmicos, de coordenação e habilidade motora, e exercícios que tendem a diminuir sincinesias)” (Lewin, 2001, p. 26).

Discutindo os transtornos psicomotores, Ajuriaguerra apud Lewin (2001), delimita com clareza “que oscilam entre o neurológico e o psiquiátrico”. E é nesta oscilação que situa os transtornos propriamente psicomotores, quando diz:

[...] “entrarão certas formas de debilidade motora, no sentido mais definido da palavra, as instabilidades e as inibições psicomotoras..”

“Certas torpezas de origem emocional, ou as causadas por transtornos de lateralização, dispraxias evolutivas certas disfragias, tiques, gagueiras, etc.”

“O objetivo de uma terapêutica psicomotora será, não só modificar o tônus de base (sincinesias ou qualquer tipo de atos) e influir na habilidade, na posição e na rapidez, mas também, na organização do sistema corporal, modificado o corpo em seu conjunto, no modo de perceber a aprender as aferências emocionais”. (Lewin, 2001, p. 26)

Esta sucinta visão do desenvolvimento da psicomotricidade deixou de lado, é óbvio, numerosas etapas e muitas pesquisas realizadas. Nossa intenção foi descrever tão-somente os grandes momentos que, ao longo de uma evolução científica e cultural geral, marcaram de forma progressiva a tomada de consciência do corpo e do movimento como uma das manifestações mais ricas e importantes do comportamento humano.

Com estas novas contribuições, a psicomotricidade diferencia-se de outras disciplinas adquirindo sua própria especificidade e autonomia, alcançando assim a porção de disciplina científica.

Para finalizar nossos conceitos sobre psicomotricidade, usaremos a citação de Sousa (2004), para defini-la: “a psicomotricidade pode ser definida como o campo transdisciplinar que estuda e investiga as relações e as influências, recíprocas e sistêmicas, entre o psiquismo e a motricidade.”

1.2. O trabalho psicomotor e suas várias vertentes

Diante da constante evolução da psicomotricidade surgiram vários conceitos e também várias vertentes. Veremos as que são mais destacadas e estudadas: a educação psicomotora, reeducação psicomotora, terapia psicomotora e a clínica psicomotora.

❖ Educação psicomotora

A educação psicomotora antecede o processo tanto reeducativo, como terapêutico, porque ela faz parte do processo evolutivo natural da criança. O papel do educador consiste o de acompanhar o sujeito nas suas descobertas ao nível da exploração, podendo inclusive, facilitar seu desenvolvimento à medida que permite, estimula, encoraja, proporciona situações e materiais enriquecedores para estas explorações. Em muitas situações, essa educação facilitadora pode servir como prevenção para um trabalho reeducativo ou terapêutico futuro.

“A educação psicomotora atua com crianças em desenvolvimento e seu objetivo é propiciar experiências que possibilite, viabilizem a formação de engrama¹ bem constituídos pela estimulação correta da criança (...)” (Lorezon, 1995, p. 27)

¹ Engrama motor representa a organização neurológica de um padrão pré-programado de atividade muscular.

Negrine apud Lorezon (1995), afirma que a educação psicomotora é formadora de uma base indispensável a toda criança, pois tem como objetivo assegurar o desenvolvimento funcional, levando em conta as possibilidades da criança e através das relações interpessoais, a expansão e o equilíbrio de sua afetividade.

Plaisance apud Lorezon (1995), relatando uma experiência vivida, relata: “A educação psicomotora não constitui, portanto, uma atividade complementar em relação aos aprendizados instrumentais; ela é, certamente, um ponto de apoio fundamental para a maior parte das outras atividades.”

A educação psicomotora abrange todas as aprendizagens do sujeito e dirige-se a todos, individual ou coletivamente.

Dentro desse segmento, ainda podemos trabalhar com a psicomotricidade funcional e a psicomotricidade relacional:

Psicomotricidade funcional

A psicomotricidade funcional compreende o desenvolvimento psicomotriz a partir de bases teóricas de neuroanatomia funcional, tendo como base concepções sobre a motricidade que acreditam que o processo de desenvolvimento humano é decorrente dos processos de maturação.

A psicomotricidade funcional se sustenta em diagnósticos do perfil psicomotriz e na prescrição de exercícios para sanar possíveis descompassos no desenvolvimento motriz. A estratégia pedagógica baseia-se na repetição de exercícios funcionais.

A psicomotricidade funcional tem como finalidade educar sistematicamente as diferentes condutas motoras, permitindo assim uma maior integração escolar e social.

O desenvolvimento da sessão de psicomotricidade funcional é estruturado de forma que o aluno imite os modelos de exercícios que são propostos. O psicomotricista utiliza-se de métodos diretivos, tornando seu aluno dependente de suas ações, não dando espaço para que o sujeito realize atividades que permitam explorar o mundo simbólico, impedindo a exteriorização de sua expressividade motriz.

A relação que o psicomotricista funcional tem com o sujeito é uma relação de comando, é uma intervenção no corpo de forma mecânica e o contato corporal entre eles ou com outros sujeitos, só ocorre se estiver determinado no exercício proposto.

Psicomotricidade relacional

A psicomotricidade relacional é uma abordagem psicopedagógica que se dá pela via corporal, englobando uma série de estratégias de intervenções e de ações pedagógicas que servem como meio de ajuda à evolução dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem do sujeito.

A utilização de métodos não-diretivos permite que o sujeito manifeste todo o seu interesse, atitudes e valores que retratam as emoções e os sentimentos de cada momento vivido.

A psicomotricidade relacional está alicerçada em três aspectos, que determinam suas finalidades. O primeiro diz respeito à experimentação corporal múltipla e variada, na qual o psicomotricista deve permitir, facilitar e provocar o sujeito à experimentação de diversos movimentos com o próprio corpo, com objetos ou com disfarces. O segundo aspecto é o estímulo à vivência simbólica, isto é, permitir que o sujeito realize atividades representativas. Com a realização destas ações corporais, o sujeito constrói o conhecimento das coisas e do mundo. O terceiro aspecto refere-se à comunicação como elemento de intervenção pedagógica, de socialização e de exteriorização do sujeito. Isto quer dizer que a comunicação expressa de diferentes formas (verbal, plástica, pictórica), serve

como instrumental que o psicomotricista utiliza para fazer o sujeito evoluir no seu tratamento.

Na psicomotricidade relacional a relação *profissional x sujeito* é fundamental para que seja realizado tudo aquilo que o sujeito ainda não é capaz de realizar sozinho, é necessário que o psicomotricista exerça um papel de mediador, seja para provocar sua exteriorização, seja para dar segurança, seja para determinar limites ao sujeito.

❖ Reeducação psicomotora

A reeducação psicomotora destina-se ao sujeito que apresentam déficit em seu funcionamento motor, tendo como finalidade ensiná-lo a reaprender como se executam ou se desenvolvem determinadas funções.

Daher apud Lorezon (1995), observa que a reeducação motora é necessária quando “pressupõe que já se tendo passado o período maturacional, este apresentou algum déficit traduzido por um distúrbio”.

“A reeducação psicomotora foi constituída em torno de uma certa técnica que consiste em eliminar no sujeito os mecanismos e hábitos cuja aquisição deu lugar às perturbações que o conduziram à reeducação.” (Coste, 1981, p. 75)

A partir de então, são realizados trabalhos com o intuito de efetuar aprendizagens tais que resolvam os problemas patogênicos, de condicionar o sujeito a um comportamento condizente à sua personalidade e ao meio que convive, através de exercícios apropriados de ritmos, deslocamentos e realizações motoras acuradas. Coste (1981, p. 76), afirma que para a realização

destas tarefas: “o sujeito deverá desenvolver o comportamento que o conduzirá à realização da tarefa, e integrar assim os atos e os encadeamentos próprios à sua reeducação”.

Podemos dizer que a reeducação psicomotora tem três objetivos básicos: reeducar a atividade tônica; melhorar a atividade de relação e desenvolver o controle motor.

A motivação do sujeito e a sua satisfação pela realização das tarefas são fundamentais para a consecução dos trabalhos. A apresentação do exercício, seu aspecto lúdico, a presença encorajadora e gratificante do profissional psicomotor são fontes de inspiração para estimular o sujeito. Uma maneira de manter sempre atenta a vigilância do sujeito, pode ser obtida com a alternância de exercícios de força e de descontração, de grandes deslocamentos e de realizações finas.

❖ Terapia psicomotora

Esta vertente está voltado para qualquer tipo de sujeito normais ou portadoras de deficiências físicas que apresentam dificuldades de comunicação, de expressão corporal e de vivência simbólica.

Daher apud Lorezon (1995), a terapia psicomotora tenta: “criar um espaço para a representação em indivíduos privados interna e/ou externamente, sem seu espaço e seu tempo para a existência do eu. A linguagem corporal é a principal comunicação e a relação terapêutica é importantíssima. Implicará a relação Corpo/Objeto/Espaço/Tempo. Cria o espaço relacional que emerge acompanhado ou não da linguagem verbal. Não abordará o sintoma diretamente e através do diálogo tônico favorece o resgate e liberação de situações mal-vividas a nível inconsciente, causadores do sintoma.”.

A terapia psicomotora não é uma técnica de readaptação funcional de setores, ou da supervalorização do músculo, e sim, a procura de um reajustamento do corpo ao meio ambiente.

É dentro do espaço tônico-emocional e afetivo que devemos integrar a terapia psicomotora, na medida em que é pelo corpo que as situações dialéticas de recusa, repulsa, prazer e desprazer se expressam e se manifestam com as devidas graduações tônico-posturais e tônico-gestuais.

A terapia psicomotora deve oferecer um primado de segurança e de relação, sem o qual poderá estar amplamente comprometida. A necessidade de uma atmosfera afetiva segura e não traumatizante é um objetivo fundamental a atender. A intervenção de situações sem o conhecimento conveniente e indispensável do sujeito poderá traduzir uma barreira a toda a evolução do que se deseja,

Por meio da relação terapêutica, utilizando métodos de avaliação, diagnóstico e tratamento, é possível a compreensão de patologias psicomotoras e suas conseqüências relacionais, afetivas e cognitivas.

O trabalho terapêutico, a partir da perspectiva lúdica, requer muita disponibilidade corporal do psicomotricista com o sujeito portador de qualquer deficiência, pois ele, através dos estímulos que faz constantemente, pode eventualmente, induzir atitudes comportamentais no sujeito em tratamento.

Para Lewin apud Sousa (2004), o paralelismo psicomotor define-se como uma tentativa de superação ao dualismo cartesiano (mente corpo) quando reporta-se ao primeiro corte epistemológico, quando cita:

“Nesta etapa, a influência na Neuropsiquiatria é determinante numa clínica centrada no aspecto motor e num corpo instrumental, uma ferramenta de trabalho para o reeducador que se propõe a consertá-lo. Eram propostos ao sujeito uns modelos de exercícios, prática cuja finalidade era educar a atividade

tônica (exercícios de mímica, de atitudes e de equilíbrio), a atividade de relação e o controle motor (exercícios rítmicos, de coordenação de habilidade motora, e exercícios que tendem a diminuir sincinesias).” (Sousa, 2004, p. 39)

❖ Clínica psicomotora

Lewin (2001), enfatiza a importância do trabalho na clínica psicomotora, quando comenta:

“Para apropriar-se do corpo, uma criança terá que realizar sucessivamente importantes conquistas, em relação ao seu espaço, seus movimentos, suas posturas, seus gestos, seus tempos, temos um corpo (órgão) que, como diz a expressão “o próprio corpo”, terá que ser de alguém (um sujeito) justamente para ser um corpo e não um pura carne (como seria no caso das crianças autistas).” (Lewin, 2001, p. 19)

Lewin (2001) ainda completa dizendo que pelas falhas e interferências nessa difícil conquista, surge a clínica psicomotora. É da concepção que se postule acerca do sujeito que irá depender a prática clínica que se leve a termo.

Enfim, Lewin (2001), define clínica psicomotora como:

“Aquela na qual o eixo é a transferência e, nela, o corpo real, imaginário e simbólico é dado a ver ao olhar do psicomotricista. O sujeito diz com seu corpo, com sua motricidade, com seus gestos, e, portanto, espera ser olhado e escutado na transferência desde um lugar simbólico. Essa concepção de sujeito, implica um corte que o lança a uma divisão no real, no imaginário e no simbólico.” (Lewin, 2001, p. 42)

CAPÍTULO 2 – A Formação Profissional em Psicomotricidade

2.1. Perfil do Psicomotricista

Ainda é com muita frequência que se discute sobre a formação do psicomotricista. Nesse campo encontramos controvérsias a respeito de currículos, carga horária, estágios, chegando-se até a uma definição do perfil do profissional psicomotricista. Mediante tudo isso e para não fugirmos a regra, definimos o “nosso” profissional.

O Psicomotricista é o profissional com formação teórico-prática-acadêmica adquirida no curso de formação/graduação em Psicomotricidade, e que atua em educação, reeducação, terapia psicomotora, clínica, consultoria e supervisão..

Atualmente, o Brasil já possui curso de Graduação em Psicomotricidade, reconhecido pelo MEC – Portaria nº 536 de 10/05/1995. Mas vale ressaltar que este curso está disponível no Estado do Rio de Janeiro..

A psicomotricidade tem por campo de trabalho o corpo do sujeito em movimento, analisando as relações que este constrói com o outro, o espaço e consigo mesmo; auxiliando nas descobertas de novas formas de utilização deste corpo por meio de recursos técnicos específicos. Valoriza também o corpo, ao atuar como agente significante, receptor e emissor de mensagens e cujas produções voluntárias ou involuntárias, conscientes ou inconscientes, expressam prazer ou mal-estar, atração ou repulsa, doação ou rejeição, através de atitudes posturais e formas complexas de tonicidade.

O psicomotricista está habilitado para trabalhar em creches, escolas regulares, escolas especiais, clínicas geriátricas, clínicas multidisciplinares, consultórios, postos de saúde, hospitais, empresas, e onde haja necessidade da prevenção e recuperação da movimentação corporal como instrumento de desenvolvimento humano.

Tem como clientela: crianças em fase de desenvolvimento; bebês de alto risco; crianças com dificuldades/atrasos no desenvolvimento global; pessoas portadoras de necessidades especiais (deficiências sensoriais, motoras, mentais e psíquicas); pessoas que apresentam distúrbios sensoriais, perceptivos, motores e relacionais em consequência de lesões neurológicas; famílias e idosos.

2.2. Formação Teórico-acadêmica e Pessoal

I) Formação Teórico-acadêmica

Lapierre apud Morizot (1988, p. 54), comenta que mesmo após absorver toda uma teoria-acadêmica, ainda observa a necessidade de um maior conhecimento na formação pessoal do psicomotricista, citando: “Assim como o psicanalista que unicamente pode formar-se através de sua própria análise didática, o psicomotricista não pode formar-se a não ser a partir de uma experiência íntima de sua própria análise psicomotora.”

Mesmo com um diploma superior, o psicomotricista sente a necessidade de uma formação pessoal no seu

currículo. Se um psicomotricista mais experimentado vai em busca de uma reciclagem, pois sua prática e sua participação em grupos multidisciplinares o questiona em todos os níveis de sua pessoa, imaginemos o que dizer de um recém-formado.

Segundo Ajuriaguerra apud Aucouturier (1986), a formação do psicomotricista não é apenas uma unidade, mas um conjunto de formações que se complementam e se enriquecem.

“A formação do psicomotricista é composta por uma trilogia: a formação pessoal; a formação teórica e a formação prática, todas três simultaneamente. As formações se complementam e se enriquecem umas às outras. A formação pessoal do psicomotricista implica uma formação ao nível da escuta e uma observação particular do si. Se a capacidade de centrar-se, de tornar-se seu próprio espelho é importante, é preciso não esquecer que todo espelho exterior é igualmente importante e deve ser considerado como indispensável para o efeito

que suas terão sobre o indivíduo.”
(Aucouturier, 1986, p. 9)

Assim, a formação teórico-acadêmica e pessoal capacita o profissional a exercer suas atividades com uma maior sutileza e percepção do indivíduo.

“É preciso reconhecer que, freqüentemente, o praticante da psicomotricidade tem muita dificuldade em justificar seu procedimento. Parece que seu cabedal de experiências como homem de campo lhe é suficiente; ele se coloca no nível da “vivência” do “sentido”, do “emocional”. (Aucouturier, 1986, p. 27)

Sendo assim, a ação prática do psicomotricista colhe resultados positivos, mas quando é chamado para justificar ou conceituar sua prática, esse momento se torna uma catástrofe, não conseguindo uma exposição centrada, fazendo apenas menção de trechos de algumas teorias aprendidas e esquecidas pelo tempo.

Aucouturier (1986) ainda comenta esta falta de discurso do psicomotricista, favorecendo que seu momento seja utilizado por psiquiatras, psicanalistas ou psicólogos, que tomam a palavra, e referem-se acerca da sua própria formação intelectualista. Eles assentam seu discurso sobre uma prática que não conhecem e muito menos vivenciaram.

O profissional psicomotricista deve estar atento ao modelo de abordagem a ser vivenciada, suas definições e ações, para que não fique à mercê de situações que não consiga explicar sua origem ou direcionamento. Hoje, a prática psicomotora é reconhecida, mas compete também ao psicomotricista fazer com que ela seja reconhecida em sua identidade própria.

II) Formação Pessoal

“Uma formação se faz de dúvidas e interrogações e como mola propulsora nos impulsiona a ir sempre em busca de identificar o identificável, de dizer o indizível, de ver o invisível da nossa subjetividade. Dessa forma transitamos por diferentes interrogantes, confrontamos diferentes experiências que levarão a inaugurar um olhar, uma escuta e um posicionamento diferente a respeito da formação. O desconhecido, o invisível e o indizível tornam-se significantes nesse processo. Deve-se descobrir, conhecer aquilo que não está à vista, que não se vê no corpo, porque não é possível de vê-lo. O nosso olhar deve ir além do meramente aparente.” (Jardim, 1998, p. 115)

Se refletirmos a formação como um processo contínuo e permanente, rompemos com uma forma estéril, estreita, amorfa e pobre de ver o mundo e entramos em uma outra lógica, a da complementariedade, ou seja, deixamos de limitarmos ao cronológico, a carga horária, a pré-requisitos, ao visível, e mergulhamos mais fundo no conhecimento.

“As técnicas devem ser entendidas como ferramentas de práxis e não como fim em si mesma, contextualizá-la passa a ser fundamental. A principal característica do psicomotricista técnico, talvez seja a de não se questionar, não questionar os métodos que utiliza. Ele é técnico convencionalmente, reproduz técnicas, métodos e procedimentos, abandonando a possibilidade de uma atividade crítica e de um pensamento criativo.” (Jardim, 1998, p. 116)

Jardim (1998), ainda comenta sobre uma postura que o psicomotricista deveria assumir, quando diz: “O psicomotricista precisa criar uma nova singularização, saindo fora de tentativas de construir modelos que ‘ensinam’ como agir, como ser o psicomotricista completo, perfeito, ideal.”

Mediante isso, seria interessante se pensar um psicomotricista em movimento, inquieto, que estranha o familiar, o natural, o comum e segue em busca das diferenças, das inovações, dos desafios, de novas respostas. Esse comportamento é meramente induzido no ensino da pesquisa e cabe a cada profissional, descobrir dentro de si uma postura de crítica, curiosidade,

insatisfação e busca do novo, descobrindo e construindo novas verdades que venham a beneficiar o sujeito. . .

As formações ditas pessoais, de curta duração e realizadas durante os estágios, é muito pouca, ou quase nada, diante da grandiosidade que essa formação representa para o sucesso no trabalho do psicomotricista. A busca por novas formações fortalece a capacidade do profissional em ser mais sensível e mais aberto à compreensão do indivíduo.

O profissional psicomotricista, em hipótese nenhuma, deve induzir ou pressionar o sujeito, mas sim, investigar situações ou sentimentos de tensões. O mesmo deve reviver ou viver uma situação próxima à vivência dos indivíduos para assim poder compreender o sentido profundo de expressividade psicomotora.

Teoria e prática profissional não podem ser desligadas da formação pessoal, em que o profissional joga, nas vivências, com os próprios conflitos, angústias e fantasmas, para que eles não interfiram na tela de projeção que se deve receber o foco das dificuldades do paciente.

Morizot (1988), atribui à vivência, a maneira de se ter um conhecimento da própria problemática corporal, conforme cita:

“É uma vivência que inclui o corpo receptor e emissor de mensagens tônicas relacionadas com a fantasmática pessoal de cada um, uma vivência que permita o conhecimento da própria problemática corporal. É uma vivência que deverá levar ao autoconhecimento de um modo de ser mental, corporal e relacional, evitando uma projeção de conflitos e fantasias do psicomotricista, permitindo que não atue numa transferência recíproca ou contratransferência.” (Morizot, 1988, p. 48).

Fantasias

Fantasias são habitualmente inconscientes. Elas só se expressam através de comportamentos simbólicos, e num trabalho psicomotor estes comportamentos podem ser interpretados e analisados. O que chama mais a atenção em psicomotricidade não é o simbolismo consciente, mas o ato simbólico inconsciente, que sem ela saber, revela os fantasmas da pessoa.

A fusão é uma produção fantasmática muito ambivalente. Se por um lado pode significar segurança, refúgio, prazer regressivo, por outro lado pode significar abandono, dependência, vazio, perda do ego corporal, portanto, angústia. Esta situação fusional favorável durante os primeiros meses, que permite responder ao desejo fusional e à necessidade do sujeito, não pode prolongar-se indefinidamente, sob pena de manter o sujeito na dependência e num estado limite.

O psicomotricista vai, progressivamente, romper a fusão, não aceitando mais ser, permanentemente, o complemento da carência do sujeito. Enquanto o próprio sujeito acentuará essa ruptura, não aceitando mais ser o objeto de desejo fusional dos pais, ou do psicomotricista. Situação conflitiva, porém indispensável para a aquisição de autonomia e identidade. Dessa forma, o sujeito não poderá chegar à identidade sem conhecer a fusão.

Brito apud Calazans (2003), comenta sobre os resultados positivos alcançados num trabalho de grupo de formação:

“O indivíduo ora reflete diante do grupo seu mundo anímico ligado ao inconsciente grupal, ora reflete pessoalmente o inconsciente grupal introjetado no seu mundo particular. A atmosfera acolhedora e permissiva no grupo favorece a liberação de sentimentos, bem como de bloqueios antigos.” (Calazans, 2003, p. 222)

A formação pessoal possibilita ao psicomotricista vivenciar suas próprias fantasias, conhecê-las, e assim, não permitir que elas estejam

presentes no momento de vivência com o sujeito, não favorecendo também, uma influência no seu comportamento.

“Para poder exercer permanentemente o controle de seus gestos, de suas mímicas, de suas tensões corporais, para analisar e modular seus conteúdos simbólicos, é indispensável que o psicomotricista tenha explorado ele mesmo seu inconsciente psicomotor no curso de sua formação.” (Morizot, 1988, p. 49)

Com isso, pode esse profissional controlar a mensagem simbólica que vem do sujeito, e assim, controlar também a resposta que esta mensagem despertou nele, no nível de sua própria problemática. Lapierre apud Morizot (1988) diz que: “não se trata de negar a existência da contratransferência, mas de ser capaz de controlá-la.”

Corpo

Segundo Silva apud Fonseca (1999), utiliza a noção de Espaço Vital e Espaço Relacional para fundamentar a importância da percepção do próprio corpo e do corpo do outro. O psicomotricista, em sua atuação, estabelece com o sujeito um autêntico diálogo afetivo, ficando exposto a uma gama de modulações tônico posturais e emocionais que lhe afetarão com mais ou menos intensidade. Caso seja afetado de forma intensa, agirá de forma imperativa para poder se defender das ansiedades e desconfortos gerados por tal situação. Esse momento é chamado de Espaço Vital, e sendo este violado, pode produzir efeitos como: extremos tônicos, movimentos diretos e bruscos, olhar tenso, sorriso nervoso, preferência em estar em pé, manipulações circulares de objetos, medo, desconfiança, cautela, fuga, contra-ataque, dentre outros.

Por outro lado, se este profissional psicomotricista está ciente destas várias transformações e está capacitado por uma formação pessoal, poderá organizar todas essas inter-relações e mantê-las dentro de um perímetro denominado de Espaço Relacional. Dessa forma, os vínculos internos e externos

estarão preservados e a relação de ajuda proposta ao sujeito será de um modo mais estruturado e criativo.

Hábitos e vícios de postura são facilmente adquiridos, já que a aprendizagem neuromotora se dá e se automatiza rapidamente, automatizando também nossas ações. Os hábitos, estruturados ao longo de anos, uma vez estabilizados incorporam-se ao nosso cotidiano.

Para que estes hábitos se modifiquem é necessário antes de mais nada, um profundo sentimento de insatisfação em relação a eles e o desejo de modificá-los. É preciso também, principalmente, tomar consciência deles, identificando-os para então poder eliminá-lo, ou substituí-lo por hábitos que não se manifeste de uma forma negativa no seu dia-a-dia..

O corpo é o referencial mais imediato e concreto do homem. É seu instrumento de comunicação com o mundo. É através do corpo que ele recebe e emite informações, de fora e de dentro de si. Entretanto, o que comumente ocorre é o impedimento desse intercâmbio devido ao acúmulo de tensões que enrijecem os músculos, bloqueiam as articulações e restringem os movimentos.

O autoconhecimento do corpo permite a descoberta da própria problemática corporal. A linguagem corporal tem como suporte o tônus, veículo essencial da expressão das emoções.

“O corpo do psicomotricista necessita se perceber, para alcançar a percepção do outro. Essa capacidade de percepção é que permite o “estar junto de” e compartilhar no momento adequado, na concepção de Rogers, May e Kohut; permite poder explicitar captando o material implícito, dizia Pichon; permite captar as produções corporais de outros corpos, sem que haja racionalização de sentimentos, autenticando a comunicação.” (Morizot, 1988, p. 49)

O psicomotricista deve ter um corpo preparado para suportar a frustração quando um sujeito perseverar no mesmo desejo de atuação durante várias sessões. É um corpo que precisa ser criativo e ter sensibilidade.

O corpo é uma forma de expressão da individualidade. O sujeito percebe-se e percebe as coisas que o cercam em função do seu próprio corpo. Isto significa que, conhecendo-o, terá maior habilidade para se diferenciar em relação aos objetos circundantes, observando-os, manejando-os.

Oliveira (1997, p .47) “O corpo, portanto, é uma maneira de ser. É através dele que se estabelece contato com as entidades do mundo, que se engaja no mundo, que compreende os outros.”

“Conscientização corporal não é psicologia, doutrina religiosa ou fisioterapia. Trata-se de um trabalho de auto-regulação do tônus muscular e de organização postural, com técnicas de relaxamento, micromovimentos, criatividade, dança livre. Seu objetivo é controlar os níveis de estresse e promover a integração corpomenta, por meio da sensibilização; reativação dos órgãos sensoriais.” (Calazans, 2003, p.51)

O objetivo da conscientização corporal recai particularmente sobre a sensibilização, canal por onde se abrem as portas da percepção do corpo. Dedicar também uma qualidade especial de atenção ao centro diafragmático, sem no entanto interferir diretamente sobre o ato involuntário da respiração.

Segundo Imbassáí apud Calazans (2003), a proposta desse envolvimento é atuar sobre o aparato corporal de modo a sensibilizá-lo, capacitando o profissional a detectar suas tensões e a proceder à regulação das mesmas, permitindo-lhe perceber que dentro de si existe uma energia impulsionada por um ritmo que lhe confere dinâmica.

Portanto, trabalhar com a consciência corporal exige preparação do orientador e disponibilidade de quem vai despertá-la.

De acordo com Morais apud Fonseca (1999) explica, de maneira esclarecedora, para nós, os conceitos de imagem, conceito e esquema corporal. Definem imagem do corpo como uma impressão que se tem de si mesmo, subjetivamente, baseada em percepções internas e externas e no confronto com outras pessoas do próprio meio social. O conceito de corpo envolve um conhecimento intelectual e consciente do corpo e também da função de seus órgãos.

Boulch apud Oliveira (2002), afirma que a interiorização torna possível uma dissociação de movimentos que permite um maior controle das praxias. No plano gnosiológico, percebemos que a interiorização garante numa representação mental do seu corpo, dos objetos e do mundo em que vive.

Esta representação mental é responsável pelo aparecimento do membro fantasma. O membro fantasma é a ilusão de que um membro amputado ainda está presente com suas sensações de presença, de volume, de movimento. No lugar do membro, a pessoa sente dor, frio, enfim, sente sua ligação com o resto do corpo.

Movimento x dança

Um esquema corporal organizado, necessita de muita sensibilidade do psicomotricista para ser trabalhado, e como foi citado, o aparecimento do membro fantasma, oriundo de uma persistência de uma consciência do corpo em sua totalidade, exige muita destreza e conhecimento do profissional psicomotor para identificar e controlar essa situação.

Um aspecto positivo que a psicomotricidade tem traçado na prática é o caminho de ações mútuas, que aproximam profissionais do corpo, tais como: dançarinos, músicos, artista de teatro, artistas plásticos, dentre outros. Nesse sentido, tanto a prática quanto a formação do psicomotricista, converge para caminho pleno de sentimentos prazerosos, estéticos, criativos, permeados de

descobertas e redescobertas na relação eu-outro, eu-mundo, eu-objeto, eu-corpo. Podemos citar como exemplo, a biodança, como sendo uma terapia de contato e encontro que estimula o amor, a harmonia e gozo de viver, portanto, um momento para sentir e não para pensar. Cada movimento tem um significado real que é conduzido para alcançar determinado objetivo.

Calazans (2003) , comenta sobre os resultados obtidos na biodança, quando afirma: “O movimento se inicia por motivações internas carregadas de emoção que são induzidas pela música e canto. A pessoa que participa perde sua qualidade de sujeito passivo para tomar em suas mãos o processo de sua evolução.”

Numa vivência de grupos onde os participantes ensaiam novas atitudes de contato e comunicação, o medo de ser rejeitado, o medo de tocar e ser tocado, o medo de sentir; enfim o medo de viver, pode ser revelado pelo movimento do corpo, pois somos o nosso corpo e ele revela o que somos. Para tanto, a percepção é extremamente necessária, pois a supressão dos sentimentos se consegue através das tensões musculares crônicas que imobilizam o corpo impossibilitando-o de sentir.

É importante perceber o nosso “feed-back” que é a resposta adequada no estímulo recebido. Afinamos os sentidos ouvindo o outro, sentindo o outro, percebendo, observando e interagindo com o “feed-back” corporal que é muito mais refinado que o verbal.

Essa interação entre a dança, terapia e educação têm-se mostrado cada vez mais presente no processo de formação pessoal do psicomotricista, pois através do conhecimento de nosso movimento, realizamos, inconscientemente, um trabalho de reeducação.

“Quando pesquisamos nosso movimento estamos simultaneamente provocando uma reeducação dos sentidos, dos sentimentos e da própria razão. Estamos ressignificando o corpo como agente irradiante, primeiro e principal de

todo o processo educativo, de todo o processo de reconstrução da experiência vivida em níveis cada vez mais refinados e inteligentes.” (Calazans, 2003, p. 33)

Nunes apud Calazans (2003), também comenta a dificuldade e o preconceito da proliferação desse modelo de trabalho, quando afirma: “A questão é como levar essa possibilidade para a escola sem deixar que a engrenagem escolar abafe as possibilidades de criação e de liberação que a dança traz, já que boa parte da escolarização se apóia na arte do convencimento e do controle.” (Calazans, 2003, p.33)

Klauss Vianna apud Calazans (2003) comenta que: “no espaço da dança lidamos com o corpo como referência direta da nossa existência mais profunda e esse fato traz em si uma dimensão terapêutica.”

Mais importante do que a aprendizagem de qualquer técnica corporal é o trabalho de conscientização do corpo, das tensões que ele guarda, dos bloqueios que o impedem de seguir o fluxo de vida. .A necessidade de engajamento total, de presença, que a dança solicita, libera o sujeito de sua imagem construída do próprio corpo e da postura com a qual enfrenta o mundo, liberando emoções recalcadas pelas convenções e pelos condicionamentos sociais.

“O ato de dançar, sentindo e pensando, é vivenciar uma maior consciência do sentido e da torção dos ossos, do movimento das articulações, das cinturas escapular e pélvica e da relação entre ambas, do tônus e deslizamento muscular, da sensibilização da pele. Dançar é trabalhar com transferência de apoios, com a percepção do peso, da direção, com micro e macromovimentos, com alteração de planos, de intenções, de intensidade.” (Calazans, 2003, p. 34)

Calazans (2003), citando um momento de satisfação e alegria em sua vivência, por meio de situações criativas, diz: “Não esqueço a deliciosa sensação de dançar de olhos fechados com a proteção do grupo, o que me proporcionou

uma experiência de grande intensidade graças ao contato com a resistência do ar.”

O horizonte que essa terapia deslumbra, retrata o quanto se pode viver melhor com o desenvolvimento da própria coordenação, com o emprego adequado da força, com a abertura de espaços internos, com uma respiração mais livre, com a aceitação do próprio corpo do qual não podemos fugir. Com isso o psicomotricista, no instante que o próprio corpo se manifesta como um todo, consegue manter um certo distanciamento das emoções e assim comandar as emoções do sujeito, sem comprometê-las.

Movimento.

A tecnologia cada vez aperfeiçoada empurra o homem para uma vida inerte e estressada. A população infantil é afetada diretamente através de jogos eletrônicos, o conforto dos lares modernos e ao pouco espaço e tempo para atividades corporais. Estes fatores, fatalmente, irão repercutir como distúrbios psicomotores e emocionais, nas dificuldades de aprendizagem.

“O movimento ocorre a partir das relações biopsicossociais que determinam e direcionam a organização motora do homem. Este se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade e sua movimentação tem por objetivo algo que lhe é valioso. O movimento define-se como ações interligadas, com alguma intenção. Conseqüentemente, a maneira mais adequada de estudar o movimento deveria seria ser aquela que percebe nos movimentos vínculos essenciais, com os propósitos mais amplos e mais íntimos do corpo, da mente e da personalidade.” (Velasco, 1998, p. 145)

“Para Vitor da Fonseca o movimento é a expressão (física, espiritual, cultural) do ser. Na ótica de Piaget o ato motor teria um caráter cognitivo e envolveria percepções cinestésicas, relacionado ao desenvolvimento psíquico do indivíduo. Para ele, o movimento atuaria como instrumento de expressão vinculado à linguagem e também aos gestos e as posturas. Ainda dentro da visão

deste autor, o movimento realizado de maneira específica com intencionalidade, resultante de uma experiência individual de comportamento e integrado à afetividade é considerado praxia, que pode ser realizada de forma natural ou especializada. Vayer estabeleceu dois aspectos complementares do movimento humano: - a função tônica – que é determinada pela atividade motora voltada para si mesma, e na relação tônico-afetiva que acontecem as reações globais e reflexas do corpo – e a função da motilidade – que se caracteriza por apresentar movimentos com determinado automatismo, espontaneidade e coordenação própria. Para esse autor, essas duas funções interrelacionadas, possibilitam os movimentos e deslocamentos do corpo. Permitem também aprender a realidade material através do conjunto de sistemas receptores, ao mesmo tempo que age sobre esta realidade e exprime o conhecimento do corpo. Cratty defende a seguinte afirmativa: “O sujeito privado duma experiência de exploração lúdica e motora pode vir a associar as dificuldades de não ser aceita pelos companheiros e o sentimento de auto-desvalorização bem como o decorrente insucesso escolar” (Velasco, 1998, p. 146)

A utilização do movimento do corpo dá-se desde o momento em que o homem vem ao mundo, e a partir de então, seu processo motor se definirá da forma como enfrentará a vida, meio ambiente, relacionamento, condição financeira dos pais para a aquisição de brinquedos, onde tudo isso irá ser retratado no decorrer de processo de crescimento.

Ressaltamos novamente, a necessidade de uma formação pessoal para o conhecimento do sujeito e suas implicações, onde a interferência negativa poderá resultar em momentos de muita apreensão para o profissional, sujeito e família.

CONCLUSÃO

A prática é um lugar de desafios muito original. A prática da psicomotricidade, este lugar de aplicação de seu instrumental teórico-prático, possibilita a uma maior compreensão de um ser de presença no mundo com o outro.

A psicomotricidade evoluiu e seus conceitos foram sendo alicerçados de uma maior sensibilidade, onde suas vertentes ainda hoje são discutidas, mas

seguidas e trabalhadas. Essa dinâmica abre espaços para novas descobertas e novas formas de trabalhar o desenvolvimento psicomotor do sujeito..

Uma laranja inteira não se contrapõe, mas quando partida ao meio, vemos algumas diferenças entre os lados, mesmo que seja somente na quantidade de caroços existente de cada lado. Assim, identifico-me de uma maneira simbólica, comparando-a Psicomotricidade como a faca que dividiu-me, e os lados como antes e depois de conhecer do corte da lâmina (ciência).

Todo o conhecimento adquirido com a psicomotricidade, faz-nos ver um mundo de uma forma diferente, onde o sujeito necessita cada vez mais de uma capacidade de adaptação à velocidade das mudanças do mundo e de seu próprio corpo, sendo necessário, entretanto, que deixem de lado a cultura do pronto e da obediência a padrões pré-estabelecidos para cada vez mais voltarem-se a uma dinâmica de aprendizagem e mudanças de atitude.

A participação em um grupo de vivência possibilita ao profissional psicomotricista um trabalho de contato corporal, onde nos deparamos com nossos conflitos, angústias, limitações, potencial, dentre outros. A vivência possibilita um contato pessoal com conteúdos inconscientes de formas simbólicas que se apresentam por meio do jogo simbólico.

O objetivo geral da formação pessoal é capacitar profissionais graduados nas áreas de saúde e educação em psicomotricidade para que esses profissionais ao exercer o papel de psicomotricistas, atuem na área clínica, social, institucional e empresarial mais conscientes da complexidade do corpo e ter domínio sobre seu próprio corpo.

Vivemos um momento em que o psico, o motor e o afetivo precisam atuar em harmonia. Que cada um possa executar o que se passa em seu corpo através da psicomotricidade para poder trabalhar nas suas respectivas áreas de atuação e se relacionar melhor com os outros. A importância dos gestos

profissionais e o aumento no número de acidentes de trabalho têm levado muitos psicomotricistas a debruçarem-se sobre o assunto da formação e orientação profissional que possibilite a uma adaptabilidade possível que diminua a instabilidade psicomotora, resultantes do contato com ferramentas, instrumentos e máquinas.

Se levarmos em conta a complexidade das estruturas motoras, perceptivas e cognitivas, numa relação de trabalho, nos credita a dizer que o psicomotricista recém-formado também pode contribuir para que a sua relação com o sujeito seja afetada, de maneira inconsciente. Por isso é que se faz necessária a participação em um grupo de formação pessoal, onde existe a possibilidade de se vivenciar na prática, momentos inerentes ao encontrados em atendimento com o sujeito. Essa prática vivencial, coloca o profissional em uma situação de destaque na sua relação de trabalho, pois, até a sua postura corporal é trabalhada para que a recepção ao sujeito seja de forma harmoniosa.

Se fizermos um paralelo da importância da formação pessoal para o psicomotricista com a realização das provas da Organização dos Advogados do Brasil – OAB para obtenção do certificado de advogado, sem o qual não se pode advogar, diríamos que este procedimento também poderia ser usado para o profissional psicomotricista, devido a sua relevante importância no processo de intervenção com o sujeito.

A formação do psicomotricista não pode se reduzir a uma formação prática, seja ela pedagógica, psicológica ou terapêutica. A formação prática por si só não é suficiente para o exercício do trabalho que supõe conhecimentos teóricos ligados à psicomotricidade. Uma vez diplomado, o psicomotricista não completou sua formação. Deve-se prosseguir uma formação contínua ao longo de sua vida profissional, e sobretudo por tratar-se de uma profissão de saúde, que a cada instante surge novas descobertas e formas de tratamento do sujeito.

A atuação do profissional psicomotricista e seu campo de intervenção sendo definidos, deve-se limitar as intervenções de sua

competência, sem pisotear sobre o campo de outros profissionais: médico, psicanalista, fonoaudiólogo, dentre outros. No exato momento em que respeita-se as fronteiras do seu campo de trabalho, cria-se a abordagem específica do profissional psicomotricista.

Nesse percurso não podemos esquecer da ética, pois sem ela o sujeito não resiste no mundo. A ética ocupa o lugar da reflexão sobre a ação, ação realizada por um sujeito responsável pelos seus atos. A ética é uma práxis em si mesma. A reflexão ética exige um distanciamento em relação a si para observar e compreender todos os fatores que estão em jogo.

Com a realização deste trabalho, conseguimos nos conscientizar de uma afirmação clássica: devemos adquirir a competência necessária para o trabalho a que nos propomos realizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUCOUTURIER, Bernard. DARRAULT, Ivan. EMPINET, Jean Louis. **A Prática Psicomotora**: reeducação e terapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CABRAL, Suzana Veloso. LANZA, Avani Avelar X. Tejera, Marisa Estela. **Educar vivendo**: o corpo e o grupo na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. 2ª edição revisada e ampliada.

CALAZANS, Julieta, CASTILHO, Jacyan, Simone. **Dança e educação em Movimento**; ed. Cortez, 2003 .

COSTE, Jean-Claude. **A psicomotricidade**, 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FERREIRA, Luis Gonzaga Rebouças. **Redação científica**: como escrever artigos, monografias, dissertações e teses. 4ª ed. Ver. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

FONSECA, Vitor da. **Manual de observação psicomotora**: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____, Vitor da. **Psicomotricidade**, 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JARDIM, Cláudia Santos. THIERS, Solange Romain, CABRAL, Suzana Veloso; **Psicomotricidade**: corpo e integração In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE, II,. **Anais**. UFMG. Belo Horizonte, 1985.

LEWIN, Esteban. **A Clínica psicomotora**: o corpo na linguagem. 4ª ed. editora vozes 100 anos..2001

LORENZAN, Agnés Michéli Marce Delobel. **Psicomotricidade**: teoria e prática. Edições EST: Porto Alegre, 1995.

MARCO, Ademir de. **Pensando a educação motora**. Coleção corpo e motricidade. Campinas - SP: Papirus, 1995.

MORIZOT, Regina, **Psicomotricidade**: seu objeto, seu espaço, seu tempo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE, III, **Anais**. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1988.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade**. Educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. Petrópolis: RJ: Vozes, 7ª ed. 2002.

RIBEIRO, Luis Távora Furtado. MARGUNS, Marcelo Santos. RIBEIRO, Marco Aurélio de Patrício. **Ética em três dimensões**. Fortaleza:Brasil Tropical, 2000.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e Competência**. 6ª ed. Coleção questões da nossa época São Paulo: Cortez, 1997,v. 16..

SHILDER, Paul. **A imagem do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

SOUSA, Dayse Campos de. **Psicomotricidade**: Integração pais, criança e escola, Fortaleza: Editora Livro Técnico, 2004

THIERNES, Solange. THIERNES, Elaine. (org) **A Essência dos Vínculos**. Rio de Janeiro: Atlas da Glória, 2001.

VELASCO, Cacilda C. **Psicomotricidade**: De fato e de direito, formação e ética In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE, VII,. Fortaleza – Ce **Anais**,1999.

.